

**a Imensidão Íntima
dos Carneiros**



Marcelo
Maluf

a Imensidão Íntima
dos Carneiros



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Para Khnum.

Para o Cristo.

Para os meus ancestrais, os carneiros.

Para Daniela.

Para aqueles que vieram e aqui ficaram.

À memória de meu pai e minha mãe.
“E o verbo se fez carne
e habitou entre nós.”

(EVANGELHO SEGUNDO JOÃO, 1,14)

“Observar o nascimento e a morte dos seres
é como olhar os movimentos de uma dança.
Uma vida é como o clarão de um relâmpago
no céu, rápida como uma torrente que se
precipita montanha abaixo.”

(SIDARTA GAUTAMA, O BUDA)

“(...) toda árvore ganha beleza
quando tocada pelo sol.”

(DJALAL UD-DIN-RUMI)

Sumário

1.	O Vento	1
2.	A Montanha	9
3.	O Fogo	59
4.	O Oceano	103

1. O VENTO

AMOSTRA

AMOSTRA

O MEDO ESTAVA no princípio de tudo.

O medo dominou gerações e bebeu em pequenas doses a coragem de muitos homens e mulheres de nossa família. Nós sempre estivemos sob o seu domínio. O medo estava em nossos ancestrais, os Gassanidas, em Huran, próximo às colinas de Golan. No ano 724 d.C., um sujeito chamado Abu Abdallah, nosso ancestral mais remoto, foi perseguido e morto pelos muçulmanos com 128 golpes de sabre, apenas por ser cristão. Sua mãe, que assistia a tudo, gritava para ele: “Morra como um homem, meu filho, não chore.” Mas Abu Abdallah chorou. Foi ali, nas lágrimas que escorriam de seu rosto, que nasceu o medo que iria chegar até nós.

O medo seguiu sua jornada, como as águas de um rio fazendo o seu percurso, e desaguou em Simão, meu bisavô, ao ouvir o trotar dos cavalos dos soldados turcos aproximarem-se da aldeia. O medo estava em Assaad, seu filho, quando pastoreava carneiros nas montanhas de Zahle, e estava em Michel, meu pai, quando vendia cambraia, gabardine e organza em sua pequena loja em Santa Bárbara D’Oeste.

Quando eu nasci, sob o sol daquele mês de janeiro, o medo estava no meu primeiro choro. O mesmo medo que hoje ainda vive em mim. Um medo genético passado de pai para filho, de avô para neto. Um medo que subiu e desceu as montanhas, que atravessou o oceano num navio e veio se misturar ao fluido amniótico que me envolvia no ventre materno. O medo estava nos olhos da minha mãe na hora do parto, nas mãos suadas do meu pai e no corpo inteiro do médico que me segurava pelos pés. O medo estava na corda envolvendo os pescoços de Adib e Rafiq e estava nas mãos do algoz que forjou o seu nó.

Aprendi que o medo nos preserva de viver e nos dá a morte em vida. O medo também nos torna cruéis e, escravos dele, podemos nos tornar assassinos. E é da morte que todos da nossa família têm medo desde sempre. Temos medo e por isso preservamos tanto as nossas vidas a ponto de não vivermos tudo o que poderíamos ter vivido.



ALGUNS DIAS APÓS a morte de meu pai, em fevereiro de 2000, eu me vi numa pequena praia no litoral norte de São Paulo. Os raios de sol aqueceram o meu corpo e todos os meus órgãos internos se encheram de entusiasmo. As ondas arrebatando nas rochas funcionavam como um ruído zen e abafavam os barulhos do mundo. Confesso não haver nada melhor do que a imensidão do oceano para colocar as coisas no lugar certo dentro de mim.

Sentado na areia, sem desejar nada além de estar ali, entregue àquela contemplação, eu me deparei com um grupo de carneiros se debatendo em alto-mar. Caminhei desorientado pela praia, esfregando os olhos, esforçando-me para acordar, caso estivesse sonhando. Mas os carneiros continuavam ali e outros iam surgindo, como se brotassem das águas. Foi quando eu engoli uma gota de água salgada do oceano Atlântico trazida pelo vento.

A praia estava deserta. Não havia com quem eu pudesse dividir a minha dúvida: era uma miragem ou os carneiros estavam realmente lutando por suas vidas? Pensei que se caso eu tivesse um pequeno barco, conseguia ao menos salvar alguns. Mas não havia nenhum

barco. Fiquei assistindo, passivo, durante horas aos carneiros se debaterem e se entregarem aos braços de Iemanjá. O vento a coordenar a dança das ondas.

Naquela noite eu sonhei com Assaad, meu avô, e com Michel, meu pai. Vestido de branco, Michel colava em minhas mãos um punhado de pelos úmidos de carneiro. Assaad dirigia-se a mim como irmão e dizia que tinha uma história para me contar. Pela manhã, corri para a praia certo de que iria encontrar alguns corpos de carneiros na areia. Mas em vez de carneiros, encontrei dezenas de águas-vivas.

Passei a acreditar, de maneira obsessiva, que eu precisava de alguma maneira me comunicar com Assaad. E o sonho ainda se repetiu algumas madrugadas. Sempre com Assaad me dizendo a mesma frase: “Tenho uma história para te contar.” Eu pensava que ele poderia usar o próprio sonho para dizer. Mas por algum motivo que me é desconhecido até hoje, nos sonhos ele apenas dizia: “Tenho uma história para te contar.” E essa frase se repetia em minha mente como um mantra involuntário.

Pela manhã, fui surpreendido por um carneiro subindo o morro próximo às rochas. Nem todos os carneiros se afogaram, pensei. Pelo menos um deles sabia nadar. Subi o morro, queriavê-lo de perto. O carneiro dormia à sombra de uma velha árvore e fingiu não dar nenhuma importância para minha presença, nem para a ventania que lançava as folhas da árvore em seu

rosto. Quando me aproximei, quase a ponto de tocá-lo, ele disse:

“Por que não se lançou ao mar para nos salvar?” Não havia rancor em sua voz, mas decepção. Eu estava diante de um carneiro que lamentava a minha falta de heroísmo.

“Eu não tive como.” Tentei me justificar.

“Você não sabe nadar, é isso?” Agora o carneiro estava sendo irônico.

“Sim, eu sei.”

“Então por que você ficou lá, feito um idiota, apenas observando a morte vir e levar com ela todos os meus irmãos?” Eu não soube dizer nada. Não encontrei nenhuma palavra que se encaixasse e pudesse me redimir de seu questionamento. Deixei apenas escapar, do mesmo jeito idiota, um suspiro.

“Mas...”

“Só havia você lá. E mesmo assim, não nos socorreu. Por quê?”

Nesse momento, senti que nunca havia feito nada diante das turbulências. Sempre ficava esperando, como um espectador passivo, a cena se completar à minha frente. E antes mesmo que eu pudesse elaborar qualquer pergunta, ele se levantou, chacoalhou o corpo e algumas folhas se soltaram de seus pelos.

“Os seus antepassados teriam vergonha de você.
Agora vá e me deixe sozinho aqui com a minha dor.” Fui.
Envergonhado.



AMOSTRA

2. A MONTANHA

AMOSTRA

AMOSTRA

ASSAAD está sentado à janela de sua casa em Santa Bárbara D’Oeste, um ano antes de sua morte, em janeiro de 1966. Algumas palavras saltam de sua mente e desabrocham em um sussurro: “O tempo de calar a dor ficou para trás.”

Digo tudo isso mesmo sabendo que ele não pode me ouvir. Mas o que importa? Mesmo ignorando as minhas palavras, eu o levarei comigo. Mesmo que ele grite, esperneie, chore como uma criança mimada, eu o conduzirei aos berros, como um carneiro que sabe que será sacrificado. Mas Assaad não fará nada disso. Há tempos que o seu corpo foi consumido pelos vermes.

Em frente ao retrato de São Charbel, na sala de sua casa, um relógio de cuco, na parede, anuncia que são nove horas da manhã de um sábado. Eu também estou ali. Ele não me vê. Ainda não nasci. Estamos separados pelo tempo. Só irei existir neste mundo daqui a oito anos, em janeiro de 1974.

Mesmo diante da impossibilidade do tempo que nos separa, insisto. Não me interessa o monólogo mudo com o seu retrato. Quero lhe falar contemplando os seus olhos

vivos. Por isso estou em sua casa, me coloco à sua frente e digo: “Você me parece um estranho, Assaad. Suas mãos estão suadas. Minhas mãos também se inundam.”

As suas pálpebras volumosas, o nariz assimétrico, o sorriso no olho direito que me traz esperança, o medo no olho esquerdo me inquieta, o ápice das suas orelhas apontado para fora da cabeça, o pescoço curto, típico de alguns de nós. Dizem dos homens que têm o pescoço curto que eles são os parentes mais próximos dos animais não humanos, em que a cabeça e o corpo formam um conjunto mais integrado, a ponto de que as suas vontades estejam mais nas mãos, nos braços, no tronco, nos quadris e nas pernas do que em uma ideia elucubrada com a ciência da razão. Tudo em Assaad me é estranho. Não sinto o carinho que, normalmente, um neto deveria sentir por seu avô. Michel me falava dele. E é da voz de Michel falando a respeito de meu avô que sinto saudade, não dele.

Qual é o motivo de sua presença em minha vida, se não consigo sentir a sua falta? O que se move dentro de mim com tamanha força, a ponto de não permitir que a sua existência se anule dos meus pensamentos? O que, afinal, resta de Assaad em mim? Qual segredo? Qual gesto? Qual sentimento? Qual palavra ainda pronuncio como eco de sua existência em mim? O que devo guardar? E o que devo abandonar? Ou mesmo lançar ao fogo? Olhe para mim, meu avô. Estou aqui, em pé. Na sua

frente. Pronto para ouvir a sua história. Ou você deseja que eu suplique e me ajoelhe?

Assaad não me responde, mas olha de sua janela para a rua e um grupo de garotos joga futebol num campo improvisado no asfalto. Nitidamente, Assaad está torcendo pelo time dos que estão sem camisa. Um pequeno magricela vem driblando todos os jogadores de camisa e faz o primeiro gol quase acertando a trave marcada no chão com paus e pedras. Assaad festeja.

Volta o seu olhar para dentro de casa e pega um caderno. O som dos meninos jogando bola é abafado pelo trânsito de suas lembranças.